

Engajamento e sentimentalismo: paternalismo na forma do romance *Jubiabá*, de Jorge Amado

Autor: Giovani Buffon Orlandini

Orientador: Prof. Dr. Homero Vizeu Araújo

INTRODUÇÃO

Nos anos 1930, em meio a uma intensa polarização político-ideológica que permeou profundamente os debates literários, Jorge Amado destacou-se enquanto um dos maiores nomes da esquerda, tanto na produção ficcional quanto na crítica literária que circulava em periódicos editoriais. Nesse contexto, *Jubiabá* (1935) foi a terceira das quatro obras que compuseram o projeto amadiano de romance proletário. Este projeto pode ser compreendido como um conjunto de narrativas formalmente articuladas para denunciar o modo de exploração capitalista, contrapondo-se aos valores literários burgueses e ascendendo o oprimido à figura central da trama.

A ESTRUTURA FORMAL

A crítica procurou apontar qual a estrutura formal empreendida por Amado para cumprir esteticamente, em *Jubiabá*, os ideais que animavam seu projeto. Assim, encontramos, no romance, duas dimensões narrativas: uma formada por elementos advindos da narrativa oral e popular, outra de formas consagradas e também populares herdadas do romance folhetinesco; ou seja, poética iletrada (ABC's, literatura de cordel, causos etc.) por um lado, dinâmica maniqueísta e melodramática (exageros, repetições, sentimentalismo e idealização) por outro. A combinação dessas dimensões é capaz de produzir, ainda segundo a crítica, o arranjo formal desejado pelo autor: o processo de amadurecimento político do protagonista Balduino soma-se à empatia do leitor com o destino e os ideais desse protagonista, reforçando o caráter didático da obra. Assim, pressupõe-se da mensagem geral da obra que existe um projeto ideológico-político comum a Balduino, ao autor e aos leitores: denúncia e combate à exploração da mão de obra, causadora da desigualdade social.

O SENTIMENTALISMO NO ENREDO E NA FORMA

Existe ainda, em *Jubiabá*, uma tendência à afetividade que permeia as relações internas do enredo e da forma – amor platônico entre Balduino e Lindinalva; harmonia ideológica entre narrador e protagonista no movimento discursivo, o que se apresenta com força no uso do discurso indireto livre. Essa dimensão sentimental que influi decisivamente na trajetória de Balduino é, conforme apontado pela crítica, devedora da herança folhetinesca que se encontra na composição formal. O que a crítica não faz, entretanto, é problematizar esse dado em relação ao sentido que as intenções do autor pretendem impor à obra, isto é, o desvelamento da estrutura socioeconômica de uma sociedade desigual e os caminhos a serem trilhados para superar essa condição.

APONTAMENTOS PARA ANÁLISE

Partindo da problematização acima exposta, esse trabalho propõe a investigação da seguinte hipótese:

a) A dimensão sentimental/afetiva causa uma fissura na estrutura formal de *Jubiabá*: se por um lado essa dimensão sentimental aproxima os indivíduos envolvidos (personagens, autor/narrador e leitores) em torno de uma causa política, por outro, abala a estrutura de denúncia da obra, uma vez que o mote de combate não depende mais unicamente do desvendamento de uma estrutura social desigual, mas também da lógica das relações interpessoais de ordem sentimental ou afetiva.

b) Essa fissura formal (interna) pode ser lida, talvez, como um reflexo de uma fissura social (externa): dinâmica vertical de classes em que alguma ascensão dos menos favorecidos é, inevitavelmente, devedora da disposição paternalista dos que se encontram hierarquicamente em posição social superior – sinhazinha e agregado, intelectual e iletrado; ou seja, um traço fundamental da formação social brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, J. *Jubiabá*. São Paulo: Martins, s/d
- BERGAMO, E. *Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo literário português*. São Paulo: UNESP, 2008
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas: UNICAMP, 2006
- DUARTE, E. de A. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996
- GIL, F. C. *O romance da urbanização*. Goiânia: Editora UFG, 2014
- SCHWARZ, R. Sobre Adorno. In: _____. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia da Letras, 2012. p. 44 – 51
- SKIDMORE, T. *Uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998
- WOOD, J. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011